

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

CINTIA DANIELE DE MIRANDA

**FAMÍLIAS NA CONTEMPORANEIDADE: REFLEXÕES ACERCA
DE SUA IMPORTÂNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR**

MARINGÁ

2014

CINTIA DANIELE DE MIRANDA

**FAMÍLIAS NA CONTEMPORANEIDADE: REFLEXÕES ACERCA
DE SUA IMPORTÂNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Estadual de Maringá,
como requisito parcial obtenção do grau
de licenciado em Pedagogia.

Orientação: Profa. Dra Celma Regina
Borghi Rodriguero

MARINGÁ

2014

CINTIA DANIELE DE MIRANDA

**FAMÍLIAS NA CONTEMPORANEIDADE: REFLEXÕES ACERCA DE SUA
IMPORTÂNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR**

Artigo apresentado à Universidade Estadual de Maringá como requisito parcial para obtenção do Título de Pedagogo, sob a orientação da Professora Doutora Celma Regina Borghi Rodriguero

Aprovado em: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Celma Regina Borghi Rodriguero/DTP Orientadora

(Universidade Estadual de Maringá)

Prof.^a Dra. Tânia dos Santos Alvarez da Silva/DTP

(Universidade Estadual de Maringá)

Prof. Dra. Ercília Maria Angeli de Paula/DTP

(Universidade Estadual de Maringá)

AGRADECIMENTOS

Nesta reta final último ano da caminhada rumo à graduação agradeço, primeiramente a Deus, por ter me concedido a vida, a saúde e a fé.

À minha família que esteve presente em todos os momentos de minha vida. Minha mãe Maria Aparecida Alves de Miranda e meu pai Elizeu Ferreira de Miranda que me ofereceram todo o apoio necessário à caminhada acadêmica. Meu irmão e companheiro Elton, presente em vários momentos me apoiando e torcendo por mim.

Às minhas amigas e companheiras de graduação Anny Caroline, Aline, Kellen e Débora que estiveram presentes na maioria dos trabalhos apresentados no decorrer do curso. Juntas, crescemos academicamente e como seres humanos.

Agradeço à professora Celma Regina Borghi Rodriguero, pela paciência e dedicação em todos os momentos dessa pesquisa. Ela que se manteve disposta a me ouvir e tirar minhas dúvidas sempre que necessário.

MIRANDA, Cintia Daniele de. **Famílias na Contemporaneidade:** reflexões acerca de sua importância no contexto escolar. 2014. 22 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

Resumo: O estudo das características da família contemporânea, características essas, decorrentes do rápido avanço tecnológico, científico e das transformações histórico-sociais, e a análise dos reflexos dessas transformações na dinâmica das relações familiares e no contexto da aprendizagem escolar, constituem o tema e objetivo deste estudo. A família tomada como foco desta reflexão é considerada um sistema de vínculos afetivos, em constante transformação e responsável pelo processo de humanização, construção da subjetividade e de formação básica para a aprendizagem. O estudo da referida temática justifica-se por refletir problemas da sociedade, bem como a presença ou ausência de valores nos diversos contextos humanos. E, por constituir-se o espelho da criança nos primeiros anos de vida, antes e mesmo após a entrada na escola. É, portanto, o primeiro grupo social com o qual a criança tem contato, propiciando, por meio do ambiente físico e social, as condições necessárias ao desenvolvimento da personalidade da criança. Como o tema central deste estudo consiste na reflexão sobre a função da família como mediadora entre a criança e o mundo, no processo de apropriação de conhecimento, buscaremos subsídios para a mesma nos estudos de Vigotsky 2000. Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico, cujos resultados foram apresentados no formato de um artigo e apontam que é unânime a defesa de que família e escola precisam caminhar em parceria. Após a realização desta pesquisa, pudemos verificar que a parceria entre ambas as instituições propicia muitos benefícios para a integração do aluno no que diz respeito ao seu desenvolvimento social, emocional e cognitivo. Deste modo, é possível afirmar que a família exerce influência no desempenho escolar do aluno, na medida em que, é responsável por proporcionar à criança respaldo emocional, respeito e educação.

Palavras-chave: Família. Desenvolvimento Humano. Aprendizagem Escolar.

ABSTRACT:

The study of the characteristics of contemporary family, result of rapid technological advancement, scientific and social historical transformations, and the analysis of the consequences of these transformations in the dynamics of family relationships and in the learning school context, constitute the theme and purpose of this research. The family used like focus in this research is considered a emotional connection system in constant transformation and responsible for humanization process, subjectivity construction and basic education to learning. The study of that subjective is justified to reflect society problems, as well like the presence or absence of human values in different contexts. It constitutes by the way, the child mirror in the first years of life, before and even after school entry. Therefore, the first social group who the child has contact, propitiating through the physical and social environment, necessary conditions for personality child development. As the focus of this study is the reflection about family function as mediator between child and worl, in the process of knowledge appropriation, seeking subsidies for the same on the Vigotsky 1998 studies. This is a bibliographic research, whose results were presented in an article format. As result, we suggest that both institutions need to walk together. After this research, we observed that the partnership Family and school provides many benefits for student integration in

social, emotional and cognitive development. Therefore, it is possible to say that the family influences academic performance of the student, it provides emotional support to the child, respect and quality education.

Keyword: Family. Human Development. School Learning.

1. INTRODUÇÃO

Comumente, assuntos que envolvem as dificuldades de aprendizagem têm sido discutidos nos ambientes escolares e, muitas vezes, os professores procuram explicar o fracasso escolar de alguns alunos como reflexo de suas relações familiares. De outro lado, alguns pais e familiares estão cada vez mais certos de que o ambiente escolar irá tornar seus filhos cidadãos, transferindo grande parte da responsabilidade da educação dos mesmos para os professores, responsabilizando-os pelos problemas apresentados pelas crianças. Este “jogo de empurra” tem tido grande repercussão no ambiente escolar e nos processos de desenvolvimento e de aprendizagem dos alunos.

É incumbência da escola, garantir uma relação de diálogo entre pais e professores, colocando-se como parceira no processo de desenvolvimento dos alunos. Ela precisa agir como moderadora das ansiedades das famílias, com vistas a contribuir com a superação de problemas apresentados pelos alunos.

Assim sendo, a parceria entre as instituições escola e família certamente resultará num processo de ensino e de aprendizagem com maiores condições de sucesso. Para tanto, as funções de ambas devem ser bem delimitadas sendo que cada instituição deve estar consciente da função que lhe cabe.

Neste contexto, este trabalho traz como tema o estudo das características das famílias na contemporaneidade e a importância dos pais na aprendizagem da criança e, como objetivo geral, verificar os reflexos da dinâmica das relações familiares no contexto da aprendizagem escolar. Como desdobramento deste objetivo, buscaremos: caracterizar os diferentes formatos familiares no decorrer da história; investigar a influência/importância das relações familiares e organização familiar na escolarização da criança; enfatizar a importância da parceria entre as instituições família e escola. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica que buscou envolver a produção de pesquisadores que estudam o tema em questão.

Para melhor organização e apresentação do trabalho, num primeiro momento, realizaremos a caracterização dos diferentes formatos familiares no decorrer da história. Na sequência, verificaremos a influência/importância das relações familiares e da organização familiar na escolarização da criança. Procuraremos ainda, num terceiro momento, especificar o conceito de escola e o papel do professor no contexto da educação escolar e, além disso, enfatizar a importância da parceria entre as instituições família e escola. Finalmente apresentaremos as nossas considerações finais.

2. CARACTERIZANDO AS DIFERENTES CONFIGURAÇÕES DA FAMÍLIA NO DECORRER DA HISTÓRIA

Para abordar a temática família entende-se como necessário realizar um resgate de aspectos históricos e refletir sobre as mudanças vivenciadas pela mesma. Para tanto, destacamos Ariès (2006) que foi um dos primeiros historiadores a pesquisar e estudar de forma mais específica a história da família e da infância na Idade Média e Engels (1982) estabeleceu fases clássicas da evolução da cultura e assinalou três grandes estágios nessa evolução: Estado Selvagem, em que predomina a apropriação dos produtos naturais e sua utilização; Barbárie, decorrente do aparecimento da agricultura, da domesticação dos animais e produção dos recursos da natureza; e, Civilização que diz respeito ao período da indústria, complexidade dos produtos naturais e o surgimento das artes. Estes dois grandes pesquisadores nos apontam o caminho para desenvolver o estudo em tela e compreender o papel da família desde sua formação até os dias atuais.

Com o objetivo entender as óticas já vivenciadas pela família enquanto instituição procuramos argumentar teórica e criticamente empregando os conceitos de infância e da família de acordo de Ariès (2006) que baseou seus estudos especificamente na historiografia, utilizando a iconografia religiosa e leiga da Idade Média, para compreender a família e a criança. Considerando como mostra a história, que a concepção de infância e de família vem sofrendo alterações nos diferentes períodos, compreender essas mudanças, possibilita o entendimento das dimensões que, tanto uma quanto outra ocupa atualmente. O resgate dos aspectos históricos se faz necessário por explicitar o modo de vida vivenciado pelas famílias na Idade Média possibilitando uma analogia com o que temos vivenciado no século XXI, além de

fundamentação teórica para refletirmos sobre as famílias em relação à educação e o desenvolvimento dos filhos.

Tratamos no decorrer do estudo do conceito de família ampliada e família nuclear e as novas modalidades e combinações que vem se configurando no mundo social. De acordo com os escritos de Ariès (2006) somente a partir do século XVI a mulher e a criança são expostas por meio da literatura. Momento em que a criança entra em cena nos calendários e foi sendo utilizada como ilustração para a separação das idades, sendo essas: criança, adulto; e, velho. De acordo com o autor a criança passou a ser tornar familiar por ilustrar no meio iconográfico a separação das idades, algo que antes não ocorria, pois a criança era vista como um adulto em miniatura.

Ariès (2006) em sua análise iconográfica conclui que o sentimento de família era desconhecido na Idade Média e nasceu entre o século XV e XVI exprimindo-se em vigor definitivo, no século XVII. O autor afirma ainda que os laços de sangue não constituíam um único grupo mas sim dois: a família, que pode ser comparada à família conjugal atual e a linhagem que atendia a todos os descendentes de um mesmo ancestral. A família conjugal, de alguma forma é consequência de uma evolução que no fim da Idade Média, teria enfraquecido a linhagem e a tendência à indivisibilidade.

Para Engels (1982) a história da família baseava-se em três fases crescentes. O Estado Selvagem, correspondendo à estruturação por grupos, neste momento o homem pertencia a todas as mulheres assim como as mulheres a todos os homens. Como modo de sobrevivência predominava a utilização e apropriação dos produtos naturais. Com esta linha pensamento, (ORSI, 2003 apud MIGUEL e BRAGA, 2008, p.3) afirmam que a família é resultado de:

[...] um processo histórico, por uma questão de sobrevivência os homens precisaram unir-se em grupos para sobreviver. Chegar à idade adulta era muito difícil, tamanhas as dificuldades enfrentadas na natureza. Essa consciência, portanto, resultou em centenas de anos de tentativas até que, finalmente, os homens perceberam que em grupos a chance de se manterem vivos era maior. Dessa época, do chamado grupo primitivo, até chegar a nossa atual e complexa formação familiar, passaram-se milênios

Na Barbárie a família teve uma característica sindesmática, havendo neste momento a redução do grupo a somente um casal. E o estágio da Civilização que perdura até a industrialização e que se baseia na monogamia, quem predomina neste

momento é o homem e a finalidade da família volta-se para a procriação dos filhos e preservação da riqueza por meio da herança.

Ariès (2006) cita também o novo espaço que a família e a criança passaram a ocupar após a industrialização, por meio da nova visão de mundo dos donos de fábricas. Destaca também que um novo sentimento de família e de infância surgiu. A família da Idade Média não tinha a função de cuidar, ensinar, e também não mantinha vínculo afetivo com os filhos até mesmo porque eles não cresciam com a família de origem.

Conforme destaca o autor a partir do século XV o sentimento, no que diz respeito à família, passou a ser diferente em decorrência da extensão da frequência escolar. Na Idade Média a educação ocorria pela aprendizagem na vivência com os adultos e depois dos sete anos as crianças passavam a viver com famílias que não eram as suas. Ainda a partir deste século a educação passou a ser fornecida pela escola que deixou de ser privilégio do clero e se tornou um instrumento normal da iniciação social. Essa substituição da aprendizagem doméstica pela escola exprime também uma aproximação da família e das crianças em relação ao sentimento de família, junto ao sentimento de infância que apareciam separados até então. Ariès faz uma analogia dizendo que a família moderna e a escola nasceram ao mesmo tempo, pois surgiu um laço de união entre ambas as instâncias. Passa a existir, a partir desse momento, a cumplicidade do mestre com as mães na educação das crianças.

Do exposto até o momento no que se refere à história da infância e da família desde a Idade Média até a civilização e os dias atuais, depreende-se que este conceito passou por inúmeras mudanças, uma vez que, nos séculos passados, a infância era tratada com descaso, a criança era ignorada, tratada como um adulto em miniatura. Não havia preocupação alguma com sua segurança, cuidado e proteção. Atualmente a criança é concebida como um ser indefeso, carente de proteção, atenção e cuidado. Porém por mais que tenha ocorrido a valorização, comparada à realidade passada, essa concepção de criança continua impossibilitada de garantir segurança em todos os aspectos para que, este ser em formação, tenha asseguradas as condições de receber tudo a que tem direito. Ainda existem lacunas por toda parte, sobretudo no que diz respeito às próprias famílias.

Em relação à família na sociedade brasileira, muitas mudanças também ocorreram. Como exemplo, no período da sociedade rural predominava a família patriarcal passando posteriormente para a sociedade de bases industriais com novas implicações de mobilidade industrial, garantindo um novo papel para cada integrante

daquele novo modelo de família. Na maioria dos países, a instituição família nuclear e a instituição casamento estão intimamente ligados, porém ambos passaram por mudanças. Atualmente tem crescido o número de separações conjugais, com a religião perdendo sua força e deixando de impedir que casais insatisfeitos se separem. Em detrimento disso, foram surgindo famílias alternativas com várias modalidades e diferentes configurações.

Nesta linha de pensamento, a instituição família sofreu também fortes mandos políticos, econômicos, sociais e culturais. Como afirmam Miguel e Braga (2008) ao longo dos anos tornou-se possível perceber que a família foi se transformando e passou a adquirir novas formas, configurações e funcionamento. Conforme o lugar e o momento histórico os fatores sociais, políticos, econômicos e religiosos foram se alterando também. Deste modo, verifica-se que as relações familiares influenciam e são influenciadas pelos movimentos sociais e se modificam de acordo com as necessidades criadas pelo homem que, por sua vez, também modifica seus comportamentos, passando a ser diferente de seus antepassados e de seus sucessores. As mudanças referidas resultaram em alterações nos papéis no interior da família, mudando também sua questão estrutural, pois, como se observa atualmente as famílias não são mais compostas apenas por um casal e seus filhos e sim por várias composições e ramificações. Devido a essa capacidade de moldar-se às novas exigências do meio, essa instituição conseguiu sobreviver a crises sociais e culturais e ainda mantém-se como matriz para o desenvolvimento humano das crianças.

3. RELAÇÕES FAMILIARES, ORGANIZAÇÃO FAMILIAR E AS INFLUÊNCIAS NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DA CRIANÇA

Entendendo a família como impulsionadora da produtividade escolar, acreditamos que o possível distanciamento desta pode provocar o desinteresse e a desmotivação escolar resultando assim, na desvalorização da educação. A socialização da criança e sua inclusão no mundo ocorrem por meio da língua materna, dos símbolos e regras de convivência em grupo, trabalho este que pode ser desenvolvido junto à escola que, por sua vez, contribui para o desenvolvimento, mais especificamente, no campo do saber culturalmente organizado.

Nesta perspectiva, conforme assevera Mioto (1989, apud ORSI e YAEGASHI, 2013, p.14) a família constitui-se na primeira instituição a proporcionar o desenvolvimento e afetividade e ajusta, por meio das vivências, fatores fundamentais para a constituição do ser humano. É na dialética das relações familiares que cada ser humano se faz e se constrói, tornando-se capaz de relacionar-se consigo mesmo, com o mundo e com os outros. Sobre isso Rego (2008, p.60-61) afirma que:

(...) para Vygotsky, o desenvolvimento do sujeito humano se dá a partir das constantes interações com o meio social em que vive, já que as formas psicológicas mais sofisticadas emergem da vida social. Assim, o desenvolvimento do psiquismo humano é sempre mediado pelo outro (outras pessoas do grupo cultural), que indica, delimita e atribui significados a realidade. Por intermédio dessas mediações, os membros imaturos da espécie humana vão pouco a pouco se apropriando dos modos de funcionamento psicológico, do comportamento e da cultura, enfim, do patrimônio da história da humanidade e de seu grupo cultural

Ao longo dos anos tem-se refletido sobre os novos modelos de família que vem se configurando e, desse modo, o modelo tradicional composto por um casal heterossexual e seus filhos já não é mais o único.

Em nosso país, por exemplo, além de passar a ser menos numerosa, a família nuclear, constituída de pai, mãe e filhos - com uma base biológica comum -, deixou de ser o modelo socialmente aceito como padrão, convivendo ao lado de configurações familiares cuja base é estritamente social ou econômica. (SARTI, 1997 apud TRANCREDI e REALI, 1999, p. 2).

Nesta linha de pensamento Orsi e Yaegashi (2013, p. 12) afirmam que:

A família contemporânea tem criado formas particulares de organização, não mais se limitando a família nuclear (pai, mãe, e filhos dos mesmos pais), sendo uma forma distinta e decorrente dos tempos modernos, em que os casais se unem e se desunem por diversas vezes e passam a conviver com os filhos frutos de antigas relações conjugais e filhos que nascem de suas novas uniões. As mudanças na constituição e no funcionamento familiar, necessariamente acarretarão mudanças na subjetividade e nas relações.

Portanto, são vários os fatores que concorrem para o surgimento dessa nova realidade, entre as quais, a inserção da mulher no campo do trabalho, fazendo com que ela não se limite tão somente ao convívio familiar; a troca dos papéis quando a família não é mais composta por pessoas de sexos distintos; a educação propiciada por apenas a

mãe ou o pai. E, é possível perceber na fala das pessoas na atualidade, certa flexibilidade a esses novos formatos familiares que passaram a ser vistos com naturalidade, algo que não acontecia há alguns anos.

Tancredi e Realli (1999) afirmam que a relação, tão importante, entre escola e família acaba, muitas vezes, sendo dificultada por situações do cotidiano ou pela suposição de que muitos pais estão ocupados, e a mediação da escola com os pais, acaba sendo realizada por meio da criança ou de outros membros da família. As autoras assinalam que esse tipo de comunicação parece ser uma via de mão única, onde há pouco espaço institucional para a manifestação das famílias que poucas vezes são informadas sobre o desempenho e desenvolvimento de seus filhos ou de acontecimentos festivos da escola.

Assim, pequenas visitas ou reuniões semestrais e encontros esporádicos entre professores e pais não suprem a necessidade desta relação, pois esta demanda acompanhamento, cuidados e estímulos tanto por parte dos pais quanto pelos integrantes do ambiente escolar. Saber o que se passa na vida do aluno, quais as suas necessidades físicas e psicológicas, as fases pelas quais está passando, como é sua relação com o meio, se faz necessário quando são passadas as informações da escola para a família e da família para a escola.

De acordo com Miguel e Braga (2008) a escola no que diz respeito ao seu ambiente, deve propiciar o conhecimento sistematizado ao aluno, mas, também tem a função de torná-lo humano e cidadão. Cabe ainda à escola garantir uma relação de diálogo, ouvindo o que a família tem a dizer e assumindo a postura de torna-se parceira no processo de desenvolvimento dos alunos. A escola tem a responsabilidade de demonstrar interesse e apresentar atitudes livres de preconceitos para com os alunos e suas famílias. Além de agir como moderadora das ansiedades.

À família cabe conversar e conhecer do filho o conteúdo que está vivenciando na escola; cumprir as regras estabelecidas pela escola de forma consciente e espontânea, como: acompanhar o filho nos deveres de casa; auxiliá-lo nos trabalhos realizados extra classe; ajudá-lo nas pesquisas; dar autonomia ao filho para que resolva problemas da escola sozinho, inclusive os de socialização; e, valorizar a relação entre escola e família, inclusive nas reuniões de entrega de resultados semestrais onde poderão ser discutidas entre pais e professores as necessidades do aluno.

Como afirma Rego (2008) o desenvolvimento do ser humano depende do aprendizado que realiza em contato com um determinado grupo cultural, a partir da

interação com outros indivíduos da sua espécie. Essa interação com indivíduos da mesma espécie mostra-se cada vez mais importante de acordo com os princípios da psicologia histórico-cultural de que é por meio da interação que os indivíduos se apropriam do conhecimento produzido pela humanidade. No que diz respeito à família, é uma importante defesa, pois ela constitui-se no primeiro grupo cultural que a criança tem acesso desde o nascimento e é com ela que passará maior parte de sua infância.

Nesta perspectiva, antes mesmo de adentrar na escola a criança já se apropriou de conhecimentos sobre o mundo em que vive. Porém, a vivência escolar é determinante, pois é nela que o conhecimento sistematizado será proporcionado. De acordo com Rego (2008, p. 77-78), para explicar o papel da escola no desenvolvimento e aprendizagem do indivíduo, Vygotsky distingue dois níveis de conceitos, aqueles:

“[...] construídos na experiência pessoal, concreta e cotidiana das crianças, que ele chamou conceitos cotidianos ou espontâneos e aqueles elaborados na sala de aula, adquiridos por meio do ensino sistemático que chamou de conceitos científicos [...] Os conceitos cotidianos referem-se àqueles conhecimentos construídos a partir da observação, manipulação e vivência direta da criança [...] Os conceitos científicos se relacionam àqueles eventos não diariamente acessíveis à observação ou ação imediata da criança: são os conhecimentos sistematizados, adquiridos por interações escolarizadas [...].

Pode-se verificar a valorização dos conceitos cotidianos trazidos pelos alunos de sua vivência, principalmente a familiar, para o momento de sistematização do ensino, na escola, quando estes são transformados científicos. Pois os dois momentos inter-relacionam-se, uma vez que, fazem parte do processo de formação dos conceitos.

Ainda refletindo sobre a importância da escola, Rego (2008, p.104) afirma que:

Na escola, as atividades educativas, diferentes daquelas que ocorrem no cotidiano extra-escolar, são sistemáticas, têm uma intencionalidade deliberada e compromisso explícito (legitimado historicamente) em tornar acessível o conhecimento formalmente organizado. Nesse contexto as crianças são desafiadas a entender as bases de concepções científicas e a tomar consciência de seus próprios processos mentais.

É importante que a escola, visando um bom relacionamento com a família, estabeleça boa relação com os pais, de maneira que possa mantê-las informadas do desempenho do aluno e suas possíveis necessidades. A partir do momento em que ambas as instituições mantenham entre si boas relações, criam-se condições para que a criança tenha seu desenvolvimento e seu aprendizado maximizados. Para isso, a escola

precisa reconhecer a importância da contribuição da família no desenvolvimento escolar dos alunos e assessorar as famílias no seu papel na educação dos filhos, por essa razão defendemos neste estudo a importância da participação da família na escola, concordando com Ackerman (1986, apud ORSI e YAEGASHI, 2013, p. 14) quando afirmam que

(...) por maiores que sejam as modificações na configuração familiar, essa instituição continua sendo considerada como uma unidade básica de crescimento e experiência, contribuindo tanto para o desenvolvimento saudável quanto patológico de seus componentes.

O acompanhamento dos pais, por sua vez, é um fator determinante para o aprendizado como afirma Polity (1998 apud MIGUEL e BRAGA, 2008 p.7):

A aprendizagem é um processo individual, porque cada um tem um jeito de apropriar-se do conhecimento, o que acontece desde o nascimento e se estende por toda a vida. A aprendizagem envolve pensamento, afeto, linguagem e ação. Esses processos precisam estar em harmonia para que o sucesso seja obtido, e a família tem papel essencial e indispensável nesse processo. A família sempre desenvolveu e sempre desenvolverá expectativas com relação aos filhos. Com relação ao processo educacional, não é diferente. Quase todos os pais querem que os filhos tenham sucesso escolar, e quando não há um desenvolvimento satisfatório é preciso analisar o estudante, a sua família e a escola. Porém, para diferentes autores, independentemente da origem do problema, é dentro do contexto familiar que as dificuldades serão amenizadas ou multiplicadas.

Diante disso pode-se afirmar que a relação saudável entre família e escola, haja vista que a família é um dos maiores paradoxos das relações, pois por meio dela sofremos e somos felizes e ela se enquadra como um fator determinante para o desenvolvimento da criança, pois o processo de aprendizagem envolve pensamento, afeto, linguagem e ação e, esses aspectos estar em harmonia. Portanto é dever da escola respeitar a família.

4. EDUCAÇÃO ESCOLAR: EM CENA O PROFESSOR

Tomando por base o contexto educacional, entendemos que o professor tem importante papel no acesso ao conhecimento por parte do aluno. De acordo com a perspectiva histórico-cultural, conforme afirma Rego (2008, p.115) o papel do professor reveste-se de “(...) extrema relevância já que é o elemento mediador (e possibilitador) das interações entre os alunos e das crianças com os objetos de conhecimento”.

Por meio da mediação o indivíduo se apropria do conhecimento produzido historicamente pela humanidade e realiza a internalização e, desse modo, produz-se a transformação das funções psicológicas elementares em funções complexas do pensamento. Acerca disso Clandinin e Connelly (1998, apud TRANCREDI e REALI, 1999, p.4) afirmam:

Não é possível deixar de lado o fato de que os professores são elementos chave no processo ensino-aprendizagem e, portanto, das ações escolares, incluindo aquelas relativas ao relacionamento escola-família pois estudos têm mostrado que os conhecimentos, crenças e metas dos professores determinam em parte o que fazem no contato com os alunos

De acordo com a perspectiva da psicologia histórico-cultural o fator biológico age sobre a base das reações inatas dos indivíduos. Sobre isso se constrói todo o sistema de reações adquiridas, sendo elas definidas mais pela estrutura do meio em que criança vive do que por suas questões biológicas. Sendo assim, o processo de apropriação da cultura de cada indivíduo ocorre por meio de suas relações sociais, dentre elas escolares e familiares, ou seja, por meio de sua interação com o meio.

Para a Psicologia Histórico-Cultural, as funções psicológicas superiores existem concretamente na forma de atividade intersíquica nas relações sociais antes de assumirem a forma de atividade intrapsíquica. Mediante o processo de internalização ocorre a transformação do conteúdo das relações sociais em funções psicológicas superiores, especificamente humanas. (VIGOTSKI, 2001 apud TULESKI e EIDT, 2007, p. 532)

Verifica-se desse modo, que o professor compõe parte dos elementos chave para o ensino-aprendizagem do aluno, na função de mediador do conhecimento, porém conforme dados evidenciados na literatura esse processo pode ser mais rico e melhor trabalhado com a participação dos pais.

Sobre a o processo de aprendizagem Leontiev (1978), afirma que a aprendizagem é promovida pelo processo de apropriação da experiência produzida pela humanidade no decorrer dos tempos em que o homem vai adquirindo suas capacidades e características humanas, da mesma maneira como a criação de novas aptidões e funções psíquicas. Nesse contexto, o psiquismo é resultado de uma construção sócio-histórica e o pensamento é também construído, sendo ele mediado culturalmente. As relações entre aluno e professor, pais e filhos se destacam entre as primeiras relações e as principais no momento de aprendizagem. Neste sentido, Meira (2007, p 41) afirma que

[...] o desenvolvimento do psiquismo é sócio-histórico, já que é estruturado no seio da atividade social dos indivíduos e se dá pelos processos de objetivação e apropriação da cultura humana; a formação da consciência e das capacidades humanas só é possível no processo de trabalho na relação com os outros homens e com a utilização de instrumentos materiais e psicológicos; o pensamento é culturalmente mediado e a linguagem é o principal meio desta mediação; os processos intelectuais e os afetivos são inseparáveis.

Tratando-se ainda da mediação, e o desenvolvimento das funções complexas do pensamento, Tuleski e Eidt (2007, p. 536) complementam:

[...] a Psicologia Histórico-Cultural, segundo a qual tais funções se desenvolvem a partir das mediações sociais e, sendo as relações sociais na atualidade cada vez mais complexas, tais mediações, que permitem a apropriação dos instrumentos e signos, necessitam de um alto grau de planejamento e sistematização para proporcionar o acesso ao saber a todos os indivíduos. Essa Psicologia considera ainda que os sistemas funcionais de alta complexidade se estabelecem a partir das tarefas que o meio proporciona às crianças, as funções corticais superiores podem desenvolver-se ou não, de acordo com o grau de qualidade das mesmas.

5.FAMÍLIA E ESCOLA: UMA PARCERIA NECESSÁRIA

A partir exposto até o momento é possível destacar-se a necessidade e a importância de parceria entre família e escola. Acreditamos que o meio onde o aluno está inserido é fundamental quando o assunto em questão é a aprendizagem. Sob essa perspectiva Vygotsky (2000 apud ASSIS e LUCA, 2009, p. 200) afirmam que:

[...] o ser humano não pode ser entendido sem referência ao meio social, destacando que o processo de aprendizagem é anterior ao processo de escolarização das crianças. Desde o início de sua vida, por meio das diversas interações (com a mãe, familiares e colegas), a criança se desenvolve, aprendendo sobre as coisas e o mundo em que vive.

Deste modo as relações familiares estão diretamente ligadas ao aprendizado do aluno, haja visto que a primeira relação que o aluno tem antes mesmo de inserido na escola é considerada a primeira vivência de socialização do mesmo.

Corsino (2002) assevera a partir de seus relatos, que a presença dos pais no ambiente escolar não era tão bem-vinda como o é na atualidade. Havia certo desconforto por parte dos profissionais da escola, uma vez que tal presença era entendida como uma espécie de invasão. Cresce a cada dia a solicitação da presença dos pais pela escola, ampliando-se gradativamente as relações de modo que um trabalho colabore com o bom andamento do outro.

Deste modo é importante salientar conforme Trancredi e Reali (1999) que a escola se caracteriza como uma importante agência educacional e socializadora cuja atuação deve ocorrer em parceria com as famílias. Por outro lado o que vem acontecendo é que tem se procurado atribuir às famílias a responsabilidade por complementar o trabalho realizado pela escola, sendo ele o desenvolvimento de padrões comportamentais, atitudes e valores aceitos por um determinado grupo cultural. Deste modo, se antes escola e famílias tinham objetivos que aparentemente não se interpenetravam, agora passam a ser vistas como agências socializadoras que, apesar de papéis distintos, buscam objetivos complementares.

No que diz respeito à perspectiva Vygotskyana de escola, Rego (2008 p.79) afirma que:

(...) o ensino escolar desempenha um papel importante na formação dos conceitos de um modo geral e dos científicos em particular. A escola propicia as crianças um conhecimento sistemático sobre aspectos que não estão associados a seu campo de visão ou vivência direta (como no caso de conceitos espontâneos). Possibilita que o indivíduo tenha acesso ao conhecimento científico construído e acumulado pela humanidade. Por envolver operações que exigem consciência e controle deliberado, permite ainda que as crianças se conscientizem dos seus próprios processos mentais (processo metacognitivo).

Há deste modo, o reconhecimento de que o aprendizado escolar exerce grande influência, no desenvolvimento das funções complexas de pensamento do aluno.

Nesta linha de pensamento, quando se fala de uma parceria entre escola e família podemos nos perguntar: Como isso pode ocorrer? Aquino (1998) responde de forma objetiva, afirmando que é função da família responsabilizar-se pela conduta do aluno e a escola pela ordenação do pensamento do mesmo. Deste modo cabe à escola e à família de acordo com Trancredi e Reali (1999, p. 5) se “[...] envolverem na medida de suas possibilidades – no processo educacional dos filhos, trabalhando de forma consoante com as necessidades educativas da vida e da participação no mundo atual”. Existe consenso entre os autores quando o assunto é a importância da parceria entre escola e família e, além disso, que esta parceria configura-se aspecto positivo para o desenvolvimento do aluno. É seguro afirmar que o envolvimento da família na educação escolar dos alunos, conforme Trancredi e Reali (1999, p.4):

[...] pode significar, para a escola, que ela tenha que conhecer melhor os pais dos alunos e realizar um trabalho conjunto com eles para criar, entre outras coisas, uma atmosfera que fortaleça o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças nesses dois ambientes socializadores.

Reconhece-se a importância da relação entre escola e família, de acordo com essas autoras, uma vez que, por meio dessa relação

(...) os professores podem passar a ter maiores informações a respeito de quem são os alunos, suas famílias, sua cultura, sua vida cotidiana, o que em última instância favorece a organização do trabalho a ser desenvolvido em benefício dos alunos e da comunidade. Por parte dos pais, relações mais estreitas com a escola podem ajudá-los a compreender melhor o trabalho por ela realizado, a se envolverem – na medida de suas possibilidades – no processo educacional dos filhos, trabalhando de forma consoante com as necessidades educativas da vida e da participação no mundo atual (1999, p.5).

Não é possível, no entanto, descrever uma maneira sistematizada de como deve ser essa relação, ou de como cada integrante de uma instituição deve se portar, porque cada escola possui sua particularidade assim como cada família. De acordo com Trancredi e Reali (1999) as escolas, mesmo tendo configurações parecidas, compostas por uma mesma legislação e observarem metas equivalentes não são todas iguais. Da mesma forma, os ambientes familiares, mesmo sendo compostos por pessoas, são singulares, apesar de possíveis semelhanças. Ainda para as autoras são essas diferenças que tornam cada família e cada escola unidades idiossincráticas. Elas devem ser pensadas em suas unicidades, pois deste modo possibilitam ultrapassar suas

particularidades para atingir o objetivo que possuem em comum e que está relacionado à busca de uma melhor qualidade de aprendizagem escolar dos alunos.

O que se almeja, neste sentido, é uma comunicação bilateral onde as expectativas e os objetivos sejam compartilhados entre família e escola, até porque o assunto em questão é o aluno, assunto este crucial tanto para a escola que depende dele quanto para a família. Essa maneira de trabalhar fundamentar-se-ia no envolvimento e na ajuda dos pais em diversos setores e atividades desenvolvidas pela escola. Mesmo sendo um aspecto em que as duas instituições pareçam interessadas, a iniciativa desta interação deveria partir da escola, pelo fato de ser uma instância educativa que contempla e abrange todas as questões escolares, inclusive, a maneira de viver de cada criança, levando em conta sua individualidade, o que gosta de fazer, o que faz e de onde veio. Essas respostas só podem ser obtidas com a relação interativa entre escola e família. Para isso a escola precisa disponibilizar espaço e informações às famílias para que possam se aproximar.

Quando ocorre a exclusão da família do espaço escolar esta pode sentir que suas opiniões e seus conhecimentos são indesejados e dispensáveis e que não se vejam como parte dessa relação, o que por outro lado poderia ser entendido pela escola como desinteresse ou mesmo incompetência da família na realização de sua função.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do presente estudo, pode-se constatar que mesmo com todas as mudanças de formatos e configurações da família, decorrentes de fatores históricos e sociais, ela continua sendo uma instituição de grande importância quando o assunto em questão é o desenvolvimento da criança.

Utilizamos a família como foco desta reflexão, pois ela é considerada um sistema de vínculos afetivos, em constante transformação, e responsável pelos primeiros passos da criança no processo de humanização, construção da subjetividade e de formação básica para a aprendizagem. Assim como a escola, coloca-se como o espaço apropriado quando se trata do conhecimento sistematizado.

Nesta perspectiva, é unânime a defesa de que essas duas instituições precisam caminhar em parceria. Após a realização desta pesquisa, pudemos verificar que a parceria entre família e escola propicia muitos benefícios para a integração do aluno no

que diz respeito ao seu desenvolvimento social, emocional e cognitivo. Deste modo, é possível afirmar que a família exerce importante influência no desempenho escolar do aluno, na medida em que, proporciona à criança respaldo emocional, respeito e educação de qualidade.

REFERÊNCIAS

AQUINO, J. G. A indisciplina e a escola atual. **Revista da Faculdade de Educação**. São Paulo, 1998, V.24, n. 2. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551998000200011 Acesso em 17 de junho de 2014.

ARIES, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ASSIS A.; LUCA V. A. – A influência dos pais na aprendizagem das crianças - **Revista Teoria e Prática da Educação**. v.12, n.2, p. 199-208, maio/ago. 2009. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/view/13972/7661>. Acesso em: 18/08/2014.

CORSINO, P. **Relação família e escola na educação infantil**: algumas reflexões. Boletim, 2002.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

MEIRA, M. E. M. Psicologia Histórico-cultural: Fundamentos, Pressupostos e Articulações com a Psicologia da Educação. In: MEIRA, M. E. M.; FACCI, M. G. D. **Psicologia Histórico-cultural Contribuições para o encontro entre a subjetividade e a educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

MIGUEL, L. O. dos S.; BRAGA, E. R. M. **A Importância da Participação das Famílias dos alunos no Processo de Aprendizagem, visando ao sucesso escolar**. Universidade Estadual de Maringá. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2272-8.pdf>. Acesso em: 10 de agosto de 2014.

ORSI, M. J. S.; YAEGASHI, S.F.R. A família como base para construção do processo de aprendizagem. In: YAEGASHI, S.F.R; PEREIRA, A. M. T. B. **Psicologia e Educação conexão entre saberes**. São Paulo: Casapsi Livraria e Editora Ltda, 2013.

OSÓRIO, L.C. **Família Hoje**. Porto Alegre: Artmed, 1996.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação.** Petrópolis: Vozes 2008.

TRANCREDI, R. M. S. P.; REALI, A. M. de M. R. **Visões dos professores sobre as famílias de seus alunos:** um estudo na área de educação infantil. Publicações, 1999. Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CCAQFjAA&url=http%3A%2F%2F24reuniao.anped.org.br%2FT0731755403999.doc&ei=eH3IU6mOFYrhsATMnoCYAg&usg=AFQjCNFxydqwcJxoueOafP9_OdYM5wepEg&sig2=NXjOkc2FC0ztsammXG-m2Q Acesso em: 17 de julho de 2014

TULESKI, S. C.; EIDT, N. M. Repensando os distúrbios de aprendizagem a partir da psicologia histórico-cultural. **Revista Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 3, p. 531-540, set./dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n3/v12n3a10> Acesso em: 3 ago. 2014.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.